

2017.1 . Ano XXXIV . Número 33

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 7



2017.1 . Ano XXXIV . Número 33

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

separata 7

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
REITOR Roberto Leher

Centro de Letras e Artes
DECANA Flora de Paoli Faria

Faculdade de Letras
DIRETORA Eleonora Ziller Camenietzky

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira
VICE-COORDENADORA Arlete José Mota

Departamento de Letras Clássicas
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz
SUBCHEFE Rainer Guggenberger

Organizadores
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Fernanda Lemos de Lima
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa e editoração
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão técnica
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Lucia Pestana

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917
Rio de Janeiro – RJ www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

Os jogos fúnebres na tradição literária greco-romana: o intertexto entre os cantos XXIII da *Iliada* de Homero e VI da *Tebaida* de Estácio

Ana Penha Gabrecht

RESUMO

Ao longo da existência humana, todas as sociedades, de diferentes maneiras, criaram práticas e ritos para marcar a finitude da vida. Esses rituais visam amenizar o impacto causado pelo desaparecimento de determinado indivíduo em uma comunidade. O épico homérico nos mostra uma sociedade marcada pelo crivo de uma moral heroica que enaltece valores da aristocracia guerreira, tais como: o gosto pela guerra, valorização da morte em campo batalha, o culto à beleza e juventude que devem ser perpetuadas na memória após o perecimento do herói. Esses temas serão retomados mais tarde, no séc. I da nossa era, pelo poeta romano Estácio que, embora viva em uma época com uma moralidade diferente, resgata os ideais aristocráticos helênicos ao construir sua *Tebaida*, poema épico sobre a disputa entre os filhos de Édipo pelo trono de Tebas. Nesse artigo, analisaremos as relações intertextuais entre o texto grego e o romano, no que se refere aos jogos em honra aos mortos. Na *Iliada*, o canto XXXIII é dedicado aos jogos fúnebres consagrados a Pátroclo, guerreiro grego que tombou durante a guerra de Troia. Na *Tebaida*, os jogos são em honra ao jovem Ofeltes, morto por uma serpente.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia épica; jogos fúnebres; intertextualidade.

SUBMISSÃO 29 set. 2017 | PUBLICAÇÃO 29 dez. 2017

A

literatura da Antiguidade, em especial a épica, nos traz exemplos de como a morte era pensada e representada. A *Iliada*, poema épico atribuído ao lendário Homero, está repleta de heróis que, em sua maioria, têm uma ligação direta com as divindades, sendo filhos e/ou protegidos das deidades. Esses semideuses, de forma diferente de seus ancestrais divinos, são mortais, pois muitos deles sucumbem durante a guerra de Troia, conflito que é pano de fundo da narrativa.

Em um artigo seminal, *A bela morte e o cadáver ultrajado*, Jean Pierre Vernant nos fala que, para aqueles guerreiros celebrados na epopeia homérica, há um modo de morrer que confere ao falecido um conjunto de qualidades, prestígios, valores, tal como um rito iniciático: a morte em campo de batalha. A “bela morte” eleva o guerreiro falecido ao estado de glória (em grego, *aretê*) por toda a eternidade, faz com que a sua excelência em combate nunca mais precise ser comprovada, “ela se realiza de vez e para sempre no feito que põe fim a vida do herói”.¹

A predominância de valores de uma moralidade aristocrática guerreira faz com que haja, no poema homérico, uma grande preocupação com o corpo do falecido, para que, uma vez bem preservado, sua beleza e sua fama se perpetuem na memória da coletividade. Desse modo, um dos piores ultrajes era provocar a mutilação do cadáver, fato que ocorre na *Iliada*, quando Aquiles arrasta o corpo morto de Heitor em seu carro de guerra, mas o deus Apolo intervém para que os restos mortais do troiano readquiram o esplendor que havia em vida.² Segundo Rodrigues:³ “Nenhuma sociedade pode suportar um corpo alheio ao controle [...] por isso [o] tratamos [o corpo] cuidadosamente depois de sua morte [...]”.

Uma das formas de cuidar do cadáver e honrar o herói falecido para que *aretê* seja sempre lembrada é a realização de ritos fúnebres. Esses rituais são, conforme vemos em Homero, um conjunto de procedimentos que podem variar de acordo com as

circunstâncias e o *status* social.⁴ No livro VII da *Iliada*, quando a guerra é interrompida por ambos os lados para que se dêem os devidos funerais aos mortos em combate, tanto gregos quanto troianos realizam procedimentos semelhantes: primeiro a identificação dos cadáveres através da limpeza com água;⁵ uma parte dos guerreiros recolhe os corpos, os transportando em carros puxados por animais,⁶ a outra parte dos combatentes vai em busca de madeira para fazer as piras sagradas,⁷ depois os corpos são cremados,⁸ e, por fim, temos a realização dos jogos fúnebres (*agones epitáfioi*).

No livro XXIII da *Iliada*, o funeral do guerreiro Pátroclo é descrito com mais detalhes. O guerreiro grego é morto pelas mãos de Heitor, príncipe troiano. Enfurecido, Aquiles realiza a vingança e, posteriormente, preside as cerimônias funéreas em honra ao amigo falecido. Realizados os ritos, o pelida organiza uma competição atlética, que incluía uma corrida de carros, pugilismo, luta greco-romana, uma corrida a pé, luta com armas, arremesso de disco, um concurso de arco e lançamento de dardo.

O texto homérico é matriz geradora para os gêneros literários e paradigma para a muitos autores da literatura ocidental. Segundo nos informa Vasconcellos,⁹ os antigos romanos tiveram consciência que sua produção literária estava atrelada aos modelos culturais gregos, sendo a sua literatura uma reelaboração criativa dos temas helênicos, considerados paradigmas de excelência. Essa “dependência” da literatura grega explica-se pelo estreito contato do império romano com a Hélade, em especial, durante o período helenístico quando efetiva-se a conquista do mundo grego.¹⁰ Os antigos romanos usavam o termo *imitatio* para explicar o complexo processo de retomada e reelaboração de modelos helênicos e também latinos. Traduzida para o português como “imitação”, era uma condição da escrita literária, não um defeito ou vício; o escritor devia imitar os grandes modelos do passado, mas no sentido de utilizar esse material de uma forma criativa, competindo e, se possível, superando os modelos.¹¹ Devido a sua maior amplitude de significados, o conceito moderno de intertextualidade

tem sido mais utilizado para se referir à absorção e transformação de um texto em outro texto.¹²

O autor da *Tebaida*, a outra obra analisada nesse artigo, é Públio Papínio Estácio, nascido em 45 da nossa era, na região onde hoje é Nápoles, no sul da Itália, segundo atesta a arqueologia, um local de forte presença da cultura grega, desde tempos bem remotos.¹³ Essa influência helênica evidencia-se nos assuntos escolhidos por Estácio em suas obras: temas da mitologia grega, como o destino trágico de Édipo e sua progênie, ou ainda a guerra de Troia e seus heróis. Escolhemos para essa análise a *Tebaida*, uma epopeia de doze cantos sobre o conflito dos filhos de Édipo pelo trono de Tebas. Tal escolha foi motivada pelo diálogo intertextual bem acentuado com a épica homérica, em especial no que se refere aos jogos fúnebres, nosso interesse aqui. Se na *Tebaida*, como um todo, observamos muitas passagens em que o intertexto com Virgílio e Homero são bem claros, é na descrição dos jogos fúnebres em honra a Arquemoro que a filiação do poeta com os grandes mestres do gênero épico se evidencia.¹⁴

A *Tebaida* narra a história já bem conhecida pelos romanos do destino trágico dos filhos de Édipo, Etéocles e Polinices, que após a partida do pai deveriam reinar em Tebas em anos alternados. Todavia, após o primeiro ano de governo, Etéocles se recusa a abrir mão do trono e desrespeita o acordo firmado com o irmão. Polinices pede auxílio às cidades vizinhas com o objetivo de assassinar Etéocles e ser o único a reinar em Tebas. Seis heróis e suas tropas respondem ao chamado e sitiam Tebas, no célebre episódio conhecido como *Os sete contra Tebas*. Durante o conflito, os irmãos se enfrentam em batalha e são mortos um pelo outro.¹⁵

Uma vez reunidos os combatentes, os exércitos marcham para Tebas através da região da Nemeia, local onde ocorre um fato relevante para a narrativa. No livro V da *Tebaida*, conhecemos a história de Hipsipila, designada para ser a cuidadora de Arquemoro, também chamado de Ofeltes, filho do rei Licurgo, de Nemeia. Ela se distrai da tarefa ao auxiliar as tropas, e a criança é morta por uma serpente. Licurgo, tomado de fúria, deseja punir Hipsipila, mas essa é defendida por Adrasto, líder dos guerreiros

de Argos. O impasse se resolve com a proposta da realização dos Jogos Nemeus em honra a Arquemoro.

Segundo Iglesias Montiel,¹⁶ as fontes diretas de Estácio para descrição dos jogos fúnebres de Arquemoro são o livro XXIII da *Iliada*, em que se descrevem as competições atléticas em honra a Pátroclo, e o livro V da *Eneida*, narrativa dos jogos em honra a Anquises, pai do herói Eneias. Nosso interesse, para este artigo, é somente o intertexto entre Homero e Estácio e os efeitos de leitura que advém dessa interação.

A primeira competição tanto em Homero quanto em Estácio é a corrida de carros. Em ambos, essa é o desporto cuja descrição ocupa mais versos. Na *Iliada*, abrange os v. 262 a 650 do canto XXIII enquanto, na *Tebaida*, iniciam no v. 296 e finalizam no v. 353 do livro VI. Entre cavalos e aurigas, Estácio destaca Arión, corcel cujo pai é Netuno, deus dos mares.¹⁷ Em Homero, também encontramos uma referência a Arión no momento em que o rei Nestor instrui seu filho, Antíloco, sobre a melhor maneira de conduzir os cavalos para vencer a disputa: se o príncipe seguisse seus conselhos, nenhum outro auriga poderia derrotá-lo, nem mesmo se conduzisse o lendário Arión, ginete do rei Adrasto.¹⁸ O espaço estabelecido para a contenda também é uma alusão a Homero. Na *Tebaida*, a corrida acontece no espaço delimitado entre um carvalho desprovido de folhas e um bloco de pedras, que servia de marco para camponeses,¹⁹ enquanto, na *Iliada*, Aquiles estabelece o percurso entre um tronco de carvalho ou pinheiro e pedras brancas.²⁰

A intervenção de Apolo para ajudar o adivinho argivo Anfiarau tem um paralelismo com os v. 391 a 400 do canto XXIII da *Iliada*, quando a deusa Atena intervém na corrida em favor de seu protegido Diomedes. Na *Tebaida*, Apolo desce do Olimpo e traz consigo um monstro de aparência horrível, com serpentes no lugar dos cabelos.²¹ O divino Arión se espanta diante do monstro e seu auriga, Polinices, que tomava a dianteira na disputa, cai do carro e é arrastado por alguns metros, favorecendo, assim, a vitória de Anfiarau.²²

Estácio apresenta a corrida a pé como segunda atividade dos jogos fúnebres em honra a Arquemoro. Nos jogos de Pátroclo, Aquiles convoca todos aqueles que desejam participar da corrida. Levantam-se Ajax, filho de Oileu, Odisseu e Antíloco, filho do rei Nestor. Ajax tomava a dianteira, mas Atena faz com que ele escorregue e caia em um monte de esterco de bois que haviam sido sacrificados por Aquiles em honra a Pátroclo.²³ Na *Tebaida*, é Adrasto quem convoca os guerreiros para a corrida oferecendo belos prêmios, assim como também o faz Aquiles. Vários jovens, célebres pelas vitórias em competições, se apresentam junto a muitos outros dentre a multidão de guerreiros. Entre eles, destaca-se Partenoheu, filho de Atalanta, famosa por seus pés velozes.²⁴ O jovem tomava a dianteira na corrida, mas tem os longos cabelos loiros puxados por Idas, o segundo colocado, que, devido ao ardil, vence a disputa. Há o início de um tumulto, mas Adrasto, o organizador dos jogos, sugere que se repita a corrida somente entre Partenoheu e Idas. O filho de Atalanta faz uma prece a Diana. A deusa, de pronto, a atende e concede a vitória, fazendo com que o ar deslize sobre os pés do herói, mal deixando pegadas na terra.²⁵

Como observa Iglesias Montiel,²⁶ tanto em Homero quanto em Estácio, – e também em Virgílio, – algo acontece na corrida, impedindo a vitória daqueles que estavam na dianteira. Nos dois casos, há a intervenção de deusas para o auxílio de seus favoritos. Na *Tebaida*, a intercessão divina em favor de Anfiarau (por Apolo) e Partenoheu (por Diana) indica que nenhum dos dois heróis cometeram atos ímpios, diferente de seus companheiros que irão perecer na guerra posteriormente.

O próximo desporto apresentado por Estácio é o lançamento de disco. O poeta se baseia tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia*,²⁷ no episódio em que Ulisses é convidado pelos feácios a participar de atividades atléticas e lança o disco de bronze muito além dos outros competidores.²⁸ Na *Tebaida*, Adrasto novamente convoca os guerreiros que desejam participar da contenda. Muitos se levantam, mas, quando Hipomedonte, de grande estatura, se oferece, todos se declaram já vencidos.²⁹ O guerreiro deprecia o

disco escolhido para o lançamento e escolhe um outro muito mais pesado. Somente Flégias e Menesteu aceitam o desafio de Hipomedonte e permanecem na disputa. Quando Flégias está pronto para fazer seu arremesso, a Fortuna o ludibria, fazendo com que o disco escape de suas mãos e caia sobre seus pés, provocando suspiros e gemidos na multidão de expectadores. Essa cena pode ser um eco do lançamento realizado por Epeio na *Ilíada*,³⁰ que de tão ruim provoca gargalhadas na plateia. Menesteu é o próximo a lançar e, após uma prece ao deus Mercúrio, consegue um bom arremesso. O último a lançar é Hipomedonte, com tal força, que carrega o disco com uma mão só e o joga muito além da marca de Menesteu, vencendo assim a competição.³¹ O intertexto com Homero se faz aqui também pelo fato de o último a lançar o disco é aquele que vence a prova.

Na competição seguinte, o pugilato, a inspiração é também proveniente da *Ilíada*, mas com algumas diferenças: Estácio descreve combates em que a habilidade do lutador é tão importante quanto a força física, diferente de Homero, que prioriza a robustez dos pugilistas. Quando Adrasto convoca os competidores na multidão de soldados, o argivo Capaneu é o primeiro a se oferecer. O guerreiro provoca terror devido a sua grande estatura e também pelas provocações aos concorrentes. Um provável paralelo com o guerreiro Epeio Panopeu, que, nos jogos em honra a Pátroclo, ameaça esfolar a pele e quebrar os ossos dos oponentes.³² Na *Tebaida*, o espartano Alciamante se oferece para enfrentar Capaneu. Tem início o combate. O espartano é muito mais técnico e economiza suas forças, desviando dos golpes de Capaneu, que, ao invés disso, golpeia o tempo inteiro, machuca suas próprias mãos, range os dentes e esgota-se devido aos seus próprios esforços. Assim que Capaneu baixa a guarda, Alciamante o golpeia, deixando-o enfurecido. Adrasto percebe que, em sua cólera, Capaneu está disposto a matar Alciamante e pede que a luta se encerre e os lutadores sejam apartados.³³ Segundo Iglesias Montiel,³⁴ nessa passagem, a inspiração de Estácio provém muito mais da batalha entre Pólux e Amico, descrita pelos mitógrafos helenísticos Teócrito³⁵ e

Apolônio de Rodes.³⁶ Pólux, um dos célebres gêmeos dióscuros (filhos de Zeus, irmão de Helena), tal como Alcídamante, utiliza a sagacidade para vencer o rei Amíco, que age de forma semelhante a Capaneu.

Na *Tebaida*, assim como na *Iliada*, a luta greco-romana é a competição que ocorre logo após o pugilato, todavia, a inspiração parece, aqui, não vir tanto de Homero, nem de Virgílio: não há essa competição nos jogos da *Eneida* mas de outros autores da Antiguidade, desde Apolodoro³⁷ a Lucano.³⁸ Nessa competição, observamos o intertexto com Homero somente na alusão ao vencedor da prova nos jogos em honra a Arquemoro: Tideu, guerreiro argivo de pequena estatura mas grande força, que também aparece na *Iliada*.³⁹ Em Homero, o guerreiro é comparado ao seu filho, Diomedes, evidenciando assim sua altura: “O tideide ao pai não se assemelha. /De pequena estatura, Tideu era um bravo”.⁴⁰

Em seguida, temos a mais perigosa das provas, a luta de espadas. Todavia, na *Tebaida*,⁴¹ a contenda é interrompida por Adrasto antes mesmo de ter início, pois o ancião acredita que as guerras já fizeram vítimas em demasiado. Segunda Iglesias Montiel,⁴² essa interrupção tem um distante paralelo com o canto XXIII da *Iliada*.⁴³ Quando Diomedes, filho de Tideu, e Ajax Telamônio se enfrentam com armas, ambos são impedidos pela multidão de gregos temerosos de um final funesto. Digno de nota é o fato de que cada um dos *Sete contra Tebas* vence uma das competições propostas nos jogos fúnebres descritos na *Tebaida*, demonstrando, desse modo, as habilidades individuais dos guerreiros que lutam contra Etéocles. Para que Polínicos, o outro filho de Édipo, derrotado na corrida de carros, não esteja desprovido de glórias, Adrasto o presenteia com um elmo de ouro e o declara “vencedor de Tebas”.⁴⁴ Por fim, os guerreiros pedem que Adrasto, o organizador do evento, também demonstre sua destreza e respeito a Arquemoro. O último evento dos jogos fúnebres não é uma disputa propriamente dita, mas a demonstração de habilidade do rei argivo, que até então não havia participado de nenhuma competição. Pede-se que o ancião lance

uma flecha ou, ainda, perfure as nuvens com uma lança.⁴⁵ Adrasto decide lançar uma flecha, mas um prodígio acontece: quando ia cravar-se em uma árvore pré-determinada pelos argivos, a seta retorna sua trajetória e cai próxima da aljava de onde tinha saído.⁴⁶ Os guerreiros fazem muitas especulações, mas nenhum soube interpretar o presságio funesto que fecha o livro VI: somente Adrasto retornaria vivo da guerra contra Tebas.⁴⁷ O intertexto com Homero aqui se faz somente devido a menção do arco e flecha, uma vez que, na *Iliada*, a competição ocorre sem sobressaltos e com a vitória de Meríone.⁴⁸

O jogo intertextual entre a *Iliada* e a *Tebaida* se faz com o objetivo de homenagear o autor admirado por Estácio, no caso aqui analisado, Homero, mas também objetivando a filiação a uma tradição poética, retomando cenas, símiles, temas, mesmo quando não cita explicitamente versos de seus modelos.⁴⁹ Por meio da análise dos jogos fúnebres em ambas as obras escolhidas, quisemos exemplificar esse pacto intertextual entre dois autores da Antiguidade, que, uma vez percebido e compreendido, é capaz de gerar leituras e interpretações muito mais repletas de sentidos.

ABSTRACT

Funeral Games in the Greco-Roman Literary Tradition: the Intertext of Song XXIII of Homer's *Iliad* and Song VI of Statius' *Thebaid*

Throughout human existence, all societies, in different ways, have created practices and rites to mark the finitude of life. These rituals are intended to soften the impact of the disappearance of a particular individual in a community. The Homeric epic shows us a society marked by a heroic moral that exalts values of the warrior aristocracy, such as: the desire for war, the valorization of death in battlefield, the cult of beauty and youth that must be perpetuated in memory after perishing of the hero. These themes will be taken up later in the first century AD by the Roman poet Statius who, although living in an age with a different morality, rescues the Hellenic aristocratic ideals in constructing his *Thebaid*, an epic poem about the dispute between the sons of Oedipus by the throne of Thebes. In this article, we will analyze the intertextual relations between the Greek and Roman texts, in regard to games in honor of the dead. In the *Iliad*, the book XXXIII is dedicated to the funeral games dedicated to Patroclus, Greek warrior who fell during the war of Troy. In *Thebaid*, the games are in honor of the young Opheltes, killed by a serpent.

KEYWORDS

Epic Poetry; Funeral Games; Intertextuality.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLONIO DE RODAS. **Las argonáuticas**. Ed. Manuel Pérez Lopes. Madrid: Ediciones Akal, 1991.
- APOLLODORUS. **The Library**. Edição, tradução, notas e apêndices por J.G. Frazer. Cambridge: Massachusetts / London: Harvard University Press, 1921.
- CESILA, R.T. Intertextualidade e Estudos Clássicos. In: SILVA, Gilvan Ventura da; LEITE, L.R. (Org.). **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens**. Vitória: EDUFES, 2013.. p. 11-23.
- HOMERO. **Íliada**. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002. v. 1.
- _____. **Íliada**. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002. v. 2.
- IGLESIAS MONTEIL, R.M. Los juegos fúnebres del Libro VI de la *La Tebaida* de Estacio. **Cuadernos de Filología Clásica: Estudios Latinos**, v. 15, 1978, p. 167-199.
- LEITE, L. R. **Épica II: Ovídio, Lucano e Estácio**. Campinas: ed. Unicamp, 2016.
- LUCANO. **Farsália: cantos de I a V**. Introdução, tradução e notas de Bruno V.G. Vieira. Campinas: ed. Unicamp, 2011.
- MARKUS, D.D. The Politics of Epic Performance in Statius. In: BOYLE, A.J.; DOMINIĆ, W.J. **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Leiden; Boston: Brill, 2003. p. 431-67.
- MORRIS, I. The Eighth-century Revolution. In: RAAFLAUB, K.A.; VAN WEES, H. (Ed.). **A Companion to Archaic Greece**. Oxford: Blackwell, 2009. p. 64-80.
- QUEIROZ, J.T.F. Ritos fúnebres e cadáveres ultrajados: Homero e os direitos dos mortos. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011, p. 1-16.
- RODRIGUES, J.C. **O tabu da morte**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.
- STATIUS. **Thebaid: a Song of Thebes**. Translated by Jane Wilson Joyce. London: Cornell University Press, 2008.
- THEOCRITUS. **Idylls**. Edição por R. J. Cholmeley, M.A. London: George Bell & Sons, 1901.
- VASCONCELLOS, P.S. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. A Intertextualidade nos Estudos Clássicos. *Rev. ANPOLL*, n. 6/7, jan./dez. 1999. p. 81-87.

Calíope: Presença Clássica | 2017.1 . Ano XXXIV . Número 33 (*separata 7*)

VERNANT, J.-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. **Discurso**, n. 9, 1978. p. 31-62.

VIRGÍLIO. **Encida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora. 34, 2014.

- 1 VERNANT, 1978, p. 32.
- 2 HOMERO, *Il.* 24, v. 20-22.
- 3 RODRIGUES, 2006, p. 60.
- 4 QUEIROZ, 2011, p. 11.
- 5 HOMERO, *Il.* 7, v. 424.
- 6 HOMERO, *Il.* 7, v. 332-333.
- 7 HOMERO, *Il.* 7, v. 417-420.
- 8 HOMERO, *Il.* 7, v. 428-432.
- 9 VASCONCELLOS, 2001, p. 13.
- 10 Há que se considerar também contatos anteriores. A partir de meados do século séc. VIII a.C. inicia-se um processo de migrações e estabelecimento de assentamentos fora do mundo grego, em especial, observa-se a criação de uma série de assentamentos helênicos no sul da Península itálica. A interação cultural entre gregos e povos da península itálica é, portanto, um processo antigo, mas assim como observam Marrou (1970, p. 316) e Lévêque (1987, p. 183-4), a influência grega sobre a sociedade romana irá, de fato, se intensificar com a consolidação da conquista da Magna Grécia durante o século III a.C.
- 11 CESILA, 2013, p. 14.
- 12 VASCONCELLOS, 1999, p. 81.
- 13 MORRIS, 2009, p. 66.
- 14 IGLESIAS MONTIEL, 1978, p. 167.
- 15 LEITE, 2016, p. 63.
- 16 IGLESIAS MONTIEL, 1978, p. 168.
- 17 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 303.
- 18 HOMERO, *Il.* 23, v. 307-348.
- 19 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 351-353.
- 20 HOMERO, *Il.* 7, v. 327-330.
- 21 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 495-498.
- 22 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 501-510.
- 23 HOMERO, *Il.* 23, v. 753-778.
- 24 Somente a menção da fama da mãe de Partenopeu já remete o leitor de Estácio ao mito de Atalanta, jovem caçadora que, mantendo-se virginal, pôs como condição para casar-se ser vencida em uma corrida. Segundo Apolodoro foi vencida por Milanion, que havia recebido ajuda de Afrodite.
- 25 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 550-645.
- 26 IGLESIAS MONTIEL, 1978, p. 184.
- 27 STATIUS, *Thebaid*, 8, v. 133-233.
- 28 STATIUS, *Thebaid*, 8, v. 186-193.
- 29 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 653-661.
- 30 HOMERO, *Il.* 23, v. 839-840.
- 31 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 710-715.
- 32 HOMERO, *Il.* 23, v. 670-671.
- 33 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 731-812.
- 34 IGLESIAS MONTIEL, 1978, p. 187-192.
- 35 THEOCRITUS, *Idílio*, 22, v. 83-128.
- 36 APOLONIO DE RODAS, *Las Argonáuticas*, 2, v. 1-98.
- 37 APOLLODORUS, *Biblioteca*, III, 6,4.
- 38 LUCANO, *Farsália*, 4, v. 593-660.
- 39 Homero, *Il.* 5, v. 800-801.
- 40 HOMERO, *Il.* 5, v. 820-821.
- 41 STATIUS, *Tebaida*, 6, v. 911-919.
- 42 IGLESIAS MONTIEL, 1978, p. 197.
- 43 HOMERO, *Il.* 5, v. 811-826.
- 44 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 920-923.
- 45 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 928.
- 46 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 938-941.
- 47 STATIUS, *Thebaid*, 6, v. 945-946.
- 48 HOMERO, *Il.* 23, v. 869-880.
- 49 Um exemplo disso é o fato de que, a despeito de o poema ter sido composto para ser lido, Estácio reveste seu texto com elementos cuja intenção é criar uma aura de improvisado, característico das *performances* dos aedos gregos (MARKUS, 2003, p. 437-440). O poeta representa a si mesmo como um tradicional bardo que recorre as musas para auxiliarem em seu canto (*Tebaida*, 1, v. 1-4), ou ainda, quando convida o leitor para imaginar o poeta como um cantor que prepara sua

lira para começar o seu canto (*Tebaida*, 11, v. 33-34).